

45 anos 1961-2006

CAXIAS - UMA FUGA AUDACIOSA

*PELA LIBERDADE
E PELO SOCIALISMO*



CAXIAS - UMA FUGA AUDACIOSA

Há 45 anos, a 4 de Dezembro de 1961, pelas 9h35, teve lugar a histórica fuga do Forte de Caxias-Reduto Norte, uma das mais audaciosas fugas das cadeias fascistas, que passou à história como a fuga no carro blindado de Salazar. Nesse dia, depois de uma cuidada preparação, oito destacados membros do PCP reconquistaram a liberdade, retomando de novo os seus postos na luta clandestina contra a ditadura fascista.

A fuga de Caxias, depois da igualmente audaciosa fuga de Peniche realizada no ano anterior, restituindo à liberdade o camarada Álvaro Cunhal e outros destacados dirigentes do Partido, constituiu mais uma grande vitória do PCP e uma dura derrota política para a ditadura fascista.

Várias foram as fugas, colectivas e individuais, que tiveram lugar nas diferentes cadeias fascistas. Para o êxito de todas elas foi necessário coragem, determinação de retomar a luta e engenho na procura de soluções. A fuga de Caxias tem a particularidade de ter sido efectuada com meios próprios da cadeia o carro blindado e de se ter desenrolado do primeiro ao último momento sob o olhar dos carcereiros, paralisados perante a surpresa da fuga, a rapidez da sua execução e a audácia dos presos comunistas.

A fuga de Caxias, tal como a fuga de Peniche e várias outras, inscreve-se no rico património da longa luta do PCP contra o fascismo, património que não pode, nem deve ser esquecido, antes importa conhecer e divulgar.



O REGIME PRISIONAL À ÉPOCA

Pela Cadeia do Forte de Caxias Reduto Norte, instalado em 1937 no antigo Forte de Defesa Militar de Lisboa, «por possuir excelentes condições de segurança», passaram milhares de presos antifascistas.

A cadeia de Caxias, instalada em plena fase de consolidação do regime fascista de Salazar, conheceu diferentes regimes prisionais, em função do quadro político.

O regime prisional em vigor na cadeia reflectindo as dificuldades crescentes do regime e o ascenso da luta de resistência a que o fascismo respondia com a intensificação da repressão, foi profundamente marcado pela intervenção directa da PIDE na vida da cadeia.

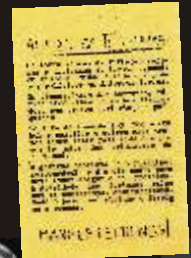
O elevado número de presos, cerca de 150, entre os quais se contava um grande número de funcionários do Partido e a fuga do Forte de Peniche, geraram uma autêntica paranóia securitária, levando ao reforço da segurança, a maiores períodos de isolamento dos presos, à redução dos períodos de recreio, à limitação de correspondência, à suspensão das visitas em comum e a alterações constantes na distribuição dos presos pelas salas, a buscas mais frequentes aos presos e às salas, a espancamentos de presos, incluindo sobre presos já julgados, a castigos a propósito de tudo e de nada, incluindo envios para o «segredo».

A má assistência médica e medicamentosa e a supressão dos internamentos hospitalares, repercutiam-se na vida dos presos, nomeadamente na das mulheres, algumas das quais se encontravam gravemente doentes.

Estas eram as consequências da intervenção directa e sistemática da PIDE na vida prisional de Caxias, com o objectivo de intimidar e paralisar a luta dos presos e suas famílias. Os anos 60 e 61, foram anos de grandes e corajosas lutas contra as arbitrariedades, por melhores condições de vida prisional, em defesa da vida dos presos gravemente doentes.

A luta de todos os presos no interior da cadeia e de suas famílias no exterior, particularmente as lutas nas datas festivas do Natal de 1960 e Ano Novo de 1961 tiveram enorme repercussão nacional e internacional.

Entretanto, é de realçar que a preparação da fuga, nunca levou ao afrouxar da luta interna na cadeia, apesar das consequências que poderiam ter para o seu sucesso.



Grupo esportivo sobre a tortura apresentada na Exposição de 1961, do PCP



AMNISTIA PARA OS PRESOS POLITICOS



DE CORPO PRESO,
CAMARADA...

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS



SOFIA

Está acólá no Forte a nossa amiga
Dentro sem requiem e surlurada
Pencada excoos insultos e a fadiga
Montanhas de fadiga alucada

Ha de estar sem ninguém sózinha pelo
Estamos todos lá nesta amizade
Estamos todos lá no convício

Deixa mulher doente e sem idade
Todo fraldão calor distemperado
Toda suor do corpo e alma vindo

Toda modela operaria natural
Toda hipocondria popular sorrendo
Como entre a água turva beirita o sal

Amigo vou voltar a ver-te um dia
Luz eterna como a luz Sofia

Jose Magro
"Sua Cantor"
Amigo da Sofia

AMNISTIA
PARA OS PRESOS POLITICOS



LUTA NA CADEIA LUTA NO EXTERIOR A MESMA LUTA CONTRA O FASCISMO

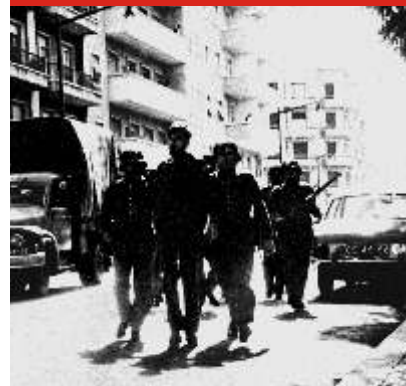
Ao mesmo tempo que os comunistas lutavam na cadeia e preparavam a fuga, o Partido intensificava a sua acção por todo o país.

A acção do Partido por todo o país era, em si mesmo, um estímulo à luta que os comunistas travavam na cadeia e para a preparação da fuga.

Depois da fuga de Peniche que restituiu à liberdade o camarada Álvaro Cunhal e outros destacados dirigentes, o Partido ganhou novo dinamismo e intensificou a acção de massas, nomeadamente durante o ano de 1961. Foram as lutas dos trabalhadores agrícolas do Ribatejo e do Alentejo, a greve de 2000 pescadores de Peniche, a luta de 7000 trabalhadores das pedreiras, dos mineiros de S. Pedro da Cova e de Aljustrel, a luta de numerosas empresas da Margem Sul do Tejo e da região de Lisboa, dos pescadores de Matosinhos, dos operários têxteis de Tortosendo e Covilhã e várias outras localidades.

Foram as lutas nas escolas a propósito do Dia do Estudante, o intensificar da luta contra a guerra colonial e a manifestação de Almada, na qual foi assassinado o camarada Cândido Capilé (Novembro 1961).

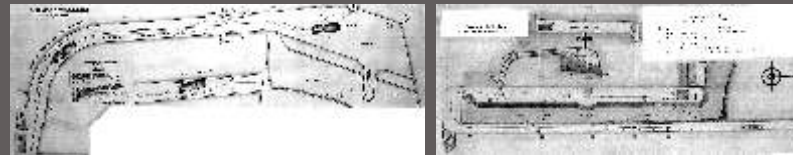
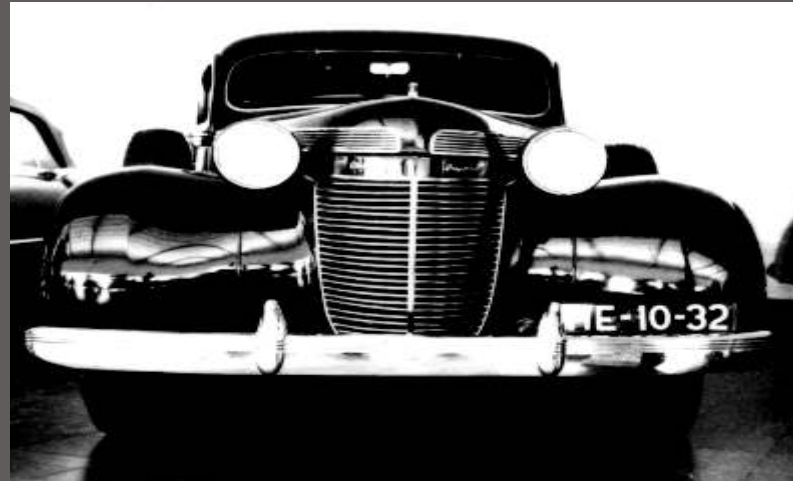
O sucesso da fuga, a recuperação de um número tão significativo de funcionários representou importante contributo para o reforço do Partido e a intensificação da sua acção, nomeadamente na organização das grandes jornadas do 1.º de Maio de 1962, na qual o camarada José Magro teve papel destacado, e na luta do proletariado agrícola pelas 8 horas, de que o camarada António Gervásio foi um dos principais organizadores.



A PREPARAÇÃO DA FUGA

A fuga a 4 de Dezembro culminou um longo e persistente processo de estudo de possibilidades de fuga, que foram sendo bloqueadas pelas frequentes alterações na composição das salas destinadas aos funcionários do Partido e nas normas de funcionamento interno da cadeia, a par de medidas de reforço da segurança. A audaciosa decisão, tomada por iniciativa do camarada José Magro, de procurar convencer o camarada António Tereso a passar-se para os «rachados»¹, para fazer o reconhecimento do Forte, fingindo ter-se colocado incondicionalmente ao serviço dos carcereiros, veio a revelar-se decisiva para a concretização da fuga, com a «descoberta» do carro blindado na garagem da cadeia. A fuga tornou-se uma corrida contra o tempo. António Tereso estava à beira de sair em liberdade. Quase todos os camaradas que se iam evadir já estavam condenados, podendo ser transferidos para Peniche a qualquer momento. Num muito curto espaço de tempo foi preciso resolver numerosos e difíceis problemas, a começar pela necessidade do camarada Tereso, com brevidade, pôr o carro a funcionar; tornar normal a sua utilização e circulação pela cadeia; estudar como fazê-lo chegar até ao fosso interior, único local a que os presos a evadirem-se tinham acesso; a escolha do dia e da hora que representasse menos riscos; a avaliação da estrutura do portão contra o qual o carro teria de embater e a sabotagem dos carros que eventualmente pudessem ser mobilizados para a perseguição dos presos em fuga. Para o êxito da fuga, para além da elaboração e execução de um plano que respondesse às várias incógnitas, era necessário garantir uma rigorosa compartimentação de tarefas, redobrados cuidados conspirativos entre os quais avultavam as ligações quase diárias entre o organismo da Direcção do Partido na cadeia e António Tereso, ligações que comportavam enormes riscos, dado o camarada ter sido transferido para a sala dos «rachados» e rigorosa disciplina no momento da fuga na medida em que ela iria decorrer sob o olhar dos guardas armados.

¹ «Rachado» o preso que passava para o lado dos carcereiros.



FASES CRUCIAIS DA FUGA

1 - Cerca das 8.30h da manhã do dia 4 de Dezembro, os 10 presos da sala 2 do r/c do Forte, todos quadros clandestinos do Partido, são avisados, como habitualmente, para se prepararem para o recreio.

2 - Cerca das 9.00h os presos são conduzidos por um guarda prisional ao Fosso Interior dando-se início ao recreio de 30 minutos sob a vigilância directa de três guardas da GNR, armados de espingardas, e por guardas da cadeia.

3 - Pouco depois, e quando o plano de fuga já estava em marcha, o recreio foi interrompido pela chegada inesperada de uma carrinha da PIDE, que veio buscar para interrogatórios presos que se encontravam nas casamatas existentes no local onde se ia iniciar a fuga.

4 - Às 9.15h, António Tereso, que antes havia recebido sinal, a partir da sala 2, que se ia iniciar o recreio, dirige-se ao túnel que liga ao Fosso Interior para se certificar que os presos que iam fugir já se encontravam no recreio.

5 - De seguida António Tereso foi buscar o carro e conduziu-o ao local da fuga, em marcha atrás pelo túnel, tarefa difícil dada a largura do carro quase coincidir com a largura do portão.

6 - Às 9.34h quando faltavam apenas 5 minutos para terminar o recreio, António Tereso coloca o carro no centro do Fosso Interior, tendo sido ladeado pelos presos em conformidade com as portas previamente distribuídas para a entrada dos dois grupos em que se dividiam os presos a fugir: António Gervásio, Guilherme de Carvalho e José Magro do lado esquerdo, o lado do condutor, António Tereso e Domingos Abrantes, Francisco Miguel, Ilídio Esteves e Rolando Verdial do lado direito.

7 - Às 9.35h ao grito de "golo", sinal dado por José Magro, inicia-se a entrada no carro, operação que durou entre 4 e 5 segundos.

8 - Logo depois, o carro, que se manteve sempre a trabalhar, arranca em direcção ao túnel que liga ao Fosso Principal, local do embate com o portão que dava saída da cadeia para o exterior. Dão-se os primeiros disparos sobre o carro. Este momento durou cerca de 10 segundos.

9 - Percurso no exterior, na extensão de 960 metros, ao longo da estrada que ladeia o talude da cadeia até ao começo da auto-estrada, momento em que o carro deixa de estar ao alcance do fogo da GNR.

10 - Da primeira fase da fuga – momento da entrada no carro – até ao começo da auto-estrada, durou cerca de 65 s.

O CARRO

O carro utilizado na fuga, um «Chrysler imperial» de sete lugares, matrícula HE-10-32, do ano de 1937, tinha estado em tempos ao serviço oficial do ditador Oliveira Salazar. O carro era completamente blindado (chapa e vidros) com pneus de câmara dupla, 5,40 m de comprimento e 1,80 m de largura, 2650 kg de peso, encontrava-se desativado na garagem da cadeia.

Um dia, encontrando-se António Tereso e o Director da Cadeia na garagem, este sugeriu-lhe que tentasse pôr o carro a trabalhar. Tereso rapidamente compreendeu que ali podia estar a «chave» para a concretização da fuga. Pôr o carro a trabalhar foi tarefa que António Tereso executou com eficiência e rapidez, o que consolidou a sua posição, junto do Director. Uma das grandes questões que se colocava era a de se saber se o carro era mesmo blindado, confirmação que só no momento da fuga poderia ser obtida, o que veio a acontecer, dado que a GNR efectuou cerca de uma vintena de disparos sobre o carro e este não registou qualquer impacto significativo de balas, quer na chapa, quer nos vidros.

A GNR E A FUGA

Sendo a segurança da Cadeia do Forte de Caxias assegurada por uma força da Guarda Nacional Republicana, após a fuga foi nomeado um oficial dessa força, o Major Fernando Ermida para proceder às averiguações das condições em que se deu a fuga e apurar eventuais responsabilidades do corpo da guarda.

O relatório elaborado pelo referido oficial regista a dado passo o seguinte:

«No dia 4 de Dezembro de 1961, pelas 9h 35m, sete reclusos que se encontravam no Fosso Interior do Reduto Norte do Forte de Caxias na hora do respectivo recreio, auxiliados por outro recluso da sala de trabalhos do mesmo Forte levaram a cabo uma espectacular fuga, aproveitando com raro sentido de oportunidade não só os meios materiais de que puderam dispor (um carro potente, grande e blindado) como o ambiente de confiança que se havia generalizado à volta de um dos evadidos, cuja liberdade de movimentação dentro do Forte era praticamente ilimitada o que lhe permitiu levar até ao local do início da fuga, um automóvel, sem despertar a mínima suspeita.»

¹ Sala de trabalhos era o lado dos presos «rachados» que realizavam diversos trabalhos para o cativeiro e no qual esteve o camarada António Tereso, durante o tempo de preparação da fuga.



ABAIXO O FASCISMO

É NECESSÁRIO LEMBRAR

A resistência ao fascismo tem uma história, que não pode ser reescrita, nem apagada.

A Revolução de Abril ao derrubar a ditadura fascista, pôs fim aos seus instrumentos repressivos: a PIDE, as torturas e as prisões por onde passaram milhares e milhares de portugueses, muitos dos quais lá perderam a vida. Na sua grande maioria eram comunistas.

A conquista da liberdade em 25 de Abril de 1974 é inseparável da luta tenaz e perseverante dos comunistas.

Fugir das cadeias fascistas, era para os comunistas uma tarefa, determinada pela vontade de reocupar o seu posto na luta clandestina e servir a classe operária e o povo português. Uma vontade inseparável do ideal comunista e do objectivo de construção em Portugal duma sociedade socialista, uma vontade que ajuda a compreender a audácia e a coragem postas nas evasões que, quando bem sucedidas, reforçavam o Partido e representavam derrotas para o aparelho repressivo.

Todos os camaradas que se evadiram de Caxias, com excepção de Rolando Verdial que veio a trair o Partido e o seu passado militante, ocuparam o seu posto de combate e mantiveram-se fiéis ao Partido. Os camaradas António Gervásio, António Tereso, Domingos Abrantes, Francisco Miguel, Guilherme da Costa Carvalho, Ilídio Esteves e José Magro, em conjunto, passaram 90 anos nas cadeias fascistas.

Anos, como os de muitos outros membros do Partido, sacrificados para que Portugal fosse livre.

A resistência ao fascismo e a luta do PCP são inseparáveis. Uma luta que mergulha no passado, se prolonga no presente e se projecta no futuro.

A luta do PCP pela institucionalização do regime democrático-constitucional, pelo aprofundamento e defesa das conquistas de Abril, a longa, combativa e persistente luta contra as políticas de direita, por uma alternativa de esquerda, inscrevem-se na luta de sempre do PCP: a luta por um Portugal socialista, liberto da exploração do homem pelo homem.



LIBERDADE



25 de Abril 1974. Junto a prisão de Caxias, o povo segue a libertação de todos os presos políticos.



FASCISMO NUNCA MAIS!